

**PSICANÁLISE E LITERATURA: A ANGÚSTIA MAPEADA EM ALMIRA,  
PROTAGONISTA DO CONTO “A SOLUÇÃO”, DE CLARICE LISPECTOR**

Silvanna Kelly Gomes de Oliveira (UEPB)  
Olavo Barreto de Souza (UEPB)

**Resumo:** Lançada uma reflexão acerca da psicanálise em consonância com o âmbito literário, sobretudo, em narrativas, o presente trabalho traz à luz questões desenvolvidas por Sigmund Freud em relação ao que se adota como “neurose de angústia”, estudo relevante para a compreensão da natureza humana, bem como do mundo ficcional. Tomando como parâmetro uma análise do conto “A Solução”, de Clarice Lispector, extraído de *A legião estrangeira* (1999), objetiva-se discutir o mapeamento da angústia na protagonista Almira junto a Alice, e quais os elementos do texto que contribuem para a percepção de tal conceito. Seria esse hibridismo entre psicanálise e literatura o marco zero das lucubrações sobre o tema “angústia”. Nesse sentido, fez-se necessário lançar mão de pressupostos teóricos como os de Ramos (2003), Certeau (2011), Freud (1985), Barbosa (2001), etc, no intuito de embasar a pesquisa e, por conseguinte, atingir um diálogo congruente do conto “A Solução”, selecionado para análise, unindo-o às reflexões já consagradas pela crítica. Por fim, o artigo visa expandir a abordagem psicanalítica dentro de um contexto literário de modo a suscitar novas possibilidades de leitura, ressignificando o texto literário.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Literatura. Neurose de angústia. Clarice Lispector.

### **Introdução**

Em meados do século XX, após várias pesquisas, relatos de pacientes, autoanálise e conclusões científicas da vasta área da psicanálise, Freud classificou o lado “invisível” da mente subjetiva do homem, através da seguinte nomenclatura: “pré-consciente”, parte inconsciente que se ativa para a consciência com facilidade; “consciente”, pequena parte da mente – ponta do *iceberg*; e “inconsciente”, conteúdo não acessível à consciência, muitas vezes, recalcado – todo o *iceberg*. Estes são considerados os três níveis da consciência humana. Sendo assim, o foco de estudo

freudiano recaiu sobre a “maior parte” da psique analisada, que é o inconsciente, nível em que há uma aparente desorganização de eventos mentais.

Dessa maneira, a abordagem do inconsciente desemboca no estudo acerca da “neurose de angústia”, obstacularização no lado psíquico do sujeito, relevante para a compreensão de vários eventos mentais, fortemente observados no comportamento humano. Dentro desta perspectiva, o trabalho envolve as considerações sobre diversas causas e consequências da angústia, possíveis razões para a sua existência e os resultados que dela surgem, mapeando-a em todo e qualquer sujeito, em algum momento da existência concreta. Partindo das elucidações desta concepção, é que se vê uma aproximação das manifestações de angústia dentro de produções literárias que circundam a literatura universal – desde os romances históricos (escritos de Freud, por exemplo) até os contos contemporâneos (escritos de Clarice Lispector).

Promove-se, portanto, uma reflexão acerca da psicanálise presentificada no âmbito literário, principal objetivo do presente artigo. Ao verticalizar uma análise literária que corrobore as considerações que serão tecidas, o conto “A Solução”, de Clarice Lispector, extraído de *A legião estrangeira* (1999), se fez essencial para discutir questões voltadas à vivência da angústia na protagonista Almira e sua relação conflituosa travada com Alice. A história se passa com essas duas colegas de trabalho, de vidas semelhantes, embora não conseguissem manter uma amizade fluida. Depois da insistência de Almira para adentrar no universo de Alice, ocorre um ato inesperado da primeira, já que ela crava um garfo na garganta da sua suposta colega, após ter sido insultada de “gorda”. Faz-se necessário, com este enredo, visualizar quais os elementos do texto contribuem para a percepção do conceito de angústia, desde uma perspectiva psicanalítica, até aquela mais social e cultural. Seria esse intercruzamento das duas áreas, psicanálise e literatura, o ponto de partida das lucubrações sobre a “angústia” freudiana.

Nesse sentido, é imprescindível lançar mão de pressupostos teóricos, no intuito de reforçar uma pesquisa bibliográfica que contribua para mais uma possibilidade de leitura da literatura clariceana, delineada por sua pluralidade de sentidos. Estes últimos, por sua vez, se encontram em sua grande maioria materializados por uma linguagem repleta de subentendidos, bem como marcada pelos conflitos psicológicos das personagens. Através disso, faz parte dos objetivos atingir um diálogo congruente com o conto “A Solução”, suscitando novas reflexões, como também ressignificando o texto literário em meio à psicanálise.

## **Angústia na Neurose: breves considerações da teoria de Sigmund Freud**

Tendo em vista que a discussão do presente artigo está relacionada às concepções variadas de angústia, partindo de uma perspectiva freudiana, Ramos (2003) a introduz afirmando que a dor é uma reprodução de vivências reforçadas pela “memória”, liberando desprazer quando a imagem-recordação vem à tona. A dor enquanto afeto, por sua vez, é uma espécie de “implosão”, já que o afeto é adquirido, aprendido, como uma histeria natural. Então, sendo os afetos relacionados ao desprazer e o desejo à satisfação, percebe-se entre ambos – desprazer e satisfação – o recalçamento. Ou seja, entre desejar algo (atração de desejo primária) e a vivência da dor (defesa primária) em relação ao objeto desejado, existe a repressão, a cessação da imagem-recordação hostil que é proveniente da vida sexual e busca satisfação.

Desse modo, ainda de acordo com Ramos (2003), até o próprio Freud considera insatisfatória a diferença entre dor e angústia. A neurose de angústia, segundo o pai da psicanálise, está ligada à sexualidade, isto é, a um fator físico perceptível em pessoas forçadas à abstinência, ao coito interrompido, à impotência, entre outras circunstâncias. Nesse sentido, a neurose de angústia seria uma neurose de estancamento sexual, sublimando em melancolia da falta do amor psíquico. No entanto, Freud (1991, p. 24) afirma: “[...] enquanto as pessoas potentes contraem com facilidade neurose de angústia, as impotentes tendem à melancolia”, o que implica na melancolia dos dois extremos. Voltando à angústia, a acumulação da tensão física e a obstacularização para o lado psíquico do sujeito, que num ataque de angústia sofre palpitações, sensação de angústia e dispneia, são fatores vistos apenas pelo lado físico, portanto, crônico (ao contrário do afeto, que é passageiro).

Por outro lado, a relação de angústia e recalçamento decorre da supressão dos desejos, a qual tem a finalidade de prevenir o desprazer, uma vez que o desejo que está no pré-consciente é sufocado. A natureza sexual na infância precoce é retomada como recordação de experiências ressignificadas e, então, recalçadas, o que provoca uma neurose de angústia. Freud também aborda a psicopatologia, tratando da angústia de morte nos neuróticos obsessivos, já que existe um componente sádico somado ao amor em relação à pessoa amada e, sendo assim, transformado em um conteúdo recalçado (RAMOS, 2003). Nesse sentido, é possível já traçar um paralelo com o conto “A Solução”, posteriormente analisado, antecipando o viés sádico da personagem Almira.

O teórico e estudioso de Freud ainda se refere ao Caso Dora, publicado em 1905 por Freud, no qual ele traz a angústia como resultante de uma deformação, de um transtorno encobridor do afeto ou com afeto inadequado resultante de certas associações, o que também antecipa um comportamento inerente à personagem Almira. Já o asco e a angústia sentida por Alice para com sua “amiga” pode ser relacionada ao “falso” enlace por uma associação defensiva, que substitui as sensações prazerosas da excitação sexual por sensações desprazíveis. O ato obsessivo, por sua vez, é uma angústia que se produz sob recalçamento e serve como proteção contra a tentação e contra a expectativa angustiada, perceptível nas ações Almira.

Quanto à influência cultural, Ramos (2003) afirma que a civilização gera um sentimento de onipotência e das tendências agressivas de cada indivíduo, controlando-o para não revelar “o lado animal” da pulsão. Porém, tais atos civilizatórios são transgredidos na narrativa que será analisada posteriormente, sugerindo uma nova leitura do conto. Como afirma Freud em *O futuro de uma ilusão*:

É notável o fato de os seres humanos, por mais que não possam viver em isolamento, considerarem opressivos os sacrifícios que lhes são exigidos pela cultura com o propósito de possibilitar uma vida em comum. A cultura, portanto, precisa ser defendida contra o indivíduo, e as suas disposições, instituições e mandamentos se colocam a serviço dessa tarefa [...] (FREUD, 1978, p. 22)

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud já demonstrara que a pulsão é entendida como influência pelo que vem de fora, um não-assimilável ao que se conhece do interno. O processo patológico pode decorrer dessa não-aceitação das características próprias, as quais são repugnantes, como acontece com a personagem Alice. Freud diz:

É certo que as excitações provenientes do interior serão, por sua intensidade e por outros caracteres qualitativos, mais adequadas ao modo de trabalho do sistema que os estímulos que afluem do mundo exterior... Com efeito, tender-se-á a tratá-las como se não atuassem de dentro, mas sim, de fora, a fim de poder aplicar-lhes o meio defensivo da proteção anti-estímulo. Essa é a origem da projeção, à qual está reservado um papel tão importante na causação dos processos patológicos. (FREUD, 1976, p. 45)

Portanto, mediante a discussão arrolada sobre a neurose de angústia e algumas de suas ramificações, no plano interior ao sujeito e exterior a ele, somando as experiências da infância e o recalçamento abordados, conclui-se que o surgimento de muitas neuroses mapeia a relação do homem com ele mesmo e com o outro. E, como a

literatura reflete as experiências humanas, as personagens da escritora Clarice Lispector podem ser analisadas segundo a vivência da neurose de angústia. A partir disso, é sentida a necessidade de aprofundar a relação da aludida autora com a psicanálise, tendo em vista Almira e Alice, no conto “A Solução”.

### **Análise do conto “A Solução”: a angústia na personagem Almira**

“A Solução” é uma das histórias presentes na coletânea de contos *A legião estrangeira* (1999). Ao contrário do que já foi abordado nos romances de Clarice, no que se refere à narrativa dotada de fluxo de consciência, este conto se trata de uma narrativa curta, narrada em 3ª pessoa, de enredo tradicional, uma vez que é abordado dentro de um tempo cronológico e linguagem linear, apesar dos indícios que apontam para a subjetividade, subentendidos na caracterização dos personagens. Além disso, o conto traz marcadamente as nuances comportamentais das personagens, assim como os seus lugares sociais, o que leva imediatamente o leitor a uma reflexão do conflito interior dos sujeitos. Nesse sentido, a narrativa no plano estético demonstra um aspecto social (marginalização) para a posterior configuração de um caráter mais psicanalítico (solidão e medo) em relação às personagens.

Para clarificar a exposição da estilística de Clarice, é imprescindível observar detalhadamente as personagens, bem como outros elementos que incidem sobre uma análise psicanalítica do conto em seu plano temático. Assim, a relação temática principal se faz a partir do ato de comer e os sentimentos de rejeição, sentidos pela protagonista Almira. Esta parece transferir para a comida a sua angústia, como forma de sublimá-la: “Havia no rosto de Almira uma avidez que nunca lhe ocorrera disfarçar: a mesma que tinha por comida, seu contato mais direto com o mundo.” (LISPECTOR, 1999, p. 74) Na literatura freudiana, a *sublimação* é considerada um mecanismo que desenvolve as pulsões de outro modo, como uma espécie de “desvio”, depositando a libido de uma área vacante para outra que não o seja. Todavia, é importante salientar que a defesa não se situa no nível da sublimação, mas antes em um recalque que a precede, sem a qual, a sublimação não poderia existir.

Um dos destinos que Freud sistematiza para as pulsões é justamente esse recalque, mecanismo típico das neuroses, o qual neutraliza o acesso à consciência de ideias que causam desprazer, como já foi abordado no primeiro tópico do presente trabalho (SANTOS, 2012). Isso se relaciona diretamente à produção de angústia de

Almira ao comer vorazmente: “Chamava-se Almira e engordara demais.” (LISPECTOR, 1999, p. 74), demonstrando que a personagem não era (tão) gorda anteriormente, e devido a algum fator externo e/ou interno, engordou bastante. Há no conto evidências de que Almira também era ansiosa: “[...] com ela o batom na durava nos lábios, ela era das que comem o batom sem querer.” (LISPECTOR, 1999, p. 75).

A ansiedade é confirmada pela tentativa quase desesperada de querer sempre agradar Alice, a ponto de “forçar a barra” na amizade com sua amiga “maior” (por causa da congruência de hábitos, e não por afeto). Isso fica comprovado em: “[...] Pelo menos era o que dizia a todos com aflição, querendo compensar com a própria veemência a falta de amizade que a outra lhe dedicava.” (LISPECTOR, 1999, p. 75). Nesse caso, o termo “compensar” já remete a uma ausência, uma lacuna deixada por Alice em relação à Almira, que disfarçadamente gostaria de compensar a indiferença da outra. Assim, o recalçamento do desejo é “descontado” na comida de Almira, como uma neurose recalcada, também explícita pelas palavras com aflição. Angustiado por não merecer a amizade que lhe era próxima, ela acaba por travar em seu corpo uma guerra consigo mesma, como fica exposto na passagem:

Por que Alice tolerava Almira, ninguém entendia. Ambas eram datilógrafas e colegas, o que não explicava. Ambas lanchavam juntas, o que não explicava. Saíam do escritório à mesma hora e esperavam condução na mesma fila. Almira sempre pajeando Alice. [...] (LISPECTOR, 1999, p. 74)

No entanto, Clarice começa a lançar indícios de que algo “estranho” ocorria com Almira, interiormente, já que se preocupava de mais com uma simples palavra menos bem dita ou injusta, fato que a fazia perder uma noite de sono, trazendo-lhe o amargo do chocolate na boca: “O que nunca lhe faltava era chocolate na bolsa, e sustos pelo que pudesse ter feito. Não por bondade. Eram talvez nervos frouxos num corpo frouxo.” (LISPECTOR, 1999, p. 74). Outro trecho que configura uma espécie de obsessão, desta vez, de Almira em relação a Alice, é: “Quando chegou ao escritório, olhou para a mesa de Alice e na a viu. [...] Não quis explicar nem respondeu às perguntas nervosas de Almira. Almira quase chorava sobre a máquina.” (LISPECTOR, 1999, p. 76). Apesar de ser caracterizada como sensível em: “Só a natureza de Almira era delicada. Com todo aquele corpanzil [...]” (LISPECTOR, 1999, p. 75), ela recebe referências constantes de sua aparência no texto.

O aspecto social é outro fator a ser analisado no conto, pois Almira é constantemente marginalizada pelo excesso de peso, demonstrando o quanto a sociedade pune aqueles que estão “fora do padrão”, ainda mais se forem mulheres obesas. A grande necessidade de ser amiga de Alice, relacionada à sua voracidade por comida, pode ter sua causa primária nos espaços sociais e familiares que não lhe dão conforto e aceitação, mesmo com suas tentativas frustradas de se adequar ao modelo de “regras” estreitas, provenientes de uma sociedade preconceituosa (BARBOSA, 2001).

Nesse sentido, é importante frisar que Almira se espelha em Alice, tanto porque chora ao vê-la em pleno desespero, quanto porque seus hábitos cotidianos são muito semelhantes. Para Almira, a amizade entre as duas seria uma espécie de afinidade que já tem início na vida corriqueira em comum. Mas, a rejeição de Alice por essa suposta amizade fica evidenciada quando Lispector faz questão de enfatizar os paralelos entre as duas, bem como de distanciar as características, sobretudo, físicas: “Alice era de rosto oval e aveludado. O nariz de Almira brilhava sempre. [...] Esta (*Alice*), distante e sonhadora, deixando-se adorar. Alice era pequena e delicada. Almira tinha o rosto muito largo, amarelado e brilhante.” (LISPECTOR, 1999, p. 74, grifos nossos). Por outro lado, Alice lança mão da projeção psicológica, a qual fornece uma função para que ela possa proteger sua mente consciente de um sentimento que, de outra forma, seria repugnante – o de se parecer com a “gorda” Almira.

Para Freud (1985) o mecanismo projetivo consiste em procurar no exterior a origem de um desprazer, defendendo o sujeito daqueles sentimentos, desejos, que não suportaria percebê-los como próprios, tal como ocorre com Alice em relação a Almira, sendo esta última, possuidora de muitos atributos seus (mesmo local de trabalho, datilógrafas, lanche juntas, espera da condução na mesma fila). Segundo Laplanche e Pontalis (1986), para Freud, a projeção se origina na pulsão – excitação geradora de tensão, geralmente proveniente da sexualidade. Esta excitação é dividida em pulsão de vida – produtora de energia vital e mantenedora do sujeito em funcionamento – e a pulsão de morte – produtora de processos destrutivos.

Esses processos destrutivos, ligados à pulsão de morte, aparecem no clímax do conto, no momento em que Almira insiste para que Alice conte o que lhe acomete, já que ela também estava aflita, totalmente refletida na outra: “Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.” (LISPECTOR, 1999, p. 75). A pulsão de Almira, por sua vez, não é reprimida e ela revela-se uma

pessoa antes desconhecida, sem delicadeza, ao ouvir da companheira. Os adjetivos qualificadores “gorda” e “chata” chocam Almira, transformada no momento da raiva:

– Sua gorda! – disse Alice de repente, branca de raiva. – Você não pode me deixar em paz?! — Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata [...] (LISPECTOR, 1999, p. 75 - 76).

A retomada, feita por Alice, de uma imagem-recordação hostil que está diretamente ligada à repugnância à sua obesidade, canalizada por Almira, libera o conteúdo recalcado: “Na verdade, Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda na boca.” (LISPECTOR, 1999, p. 76). Quando Clarice diz que “[...] como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. [...] a gorda, mesmo depois de feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.” (LISPECTOR, 1999, p. 76), ela atribui à magreza a força ativa, de ser vivaz e aceita dentro dos moldes estabelecidos pela sociedade, que padroniza a mulher ideal com medidas mínimas, dando-lhe a tocha da beleza. Além disso, a substantivação de “a gorda” simboliza socialmente o “apelido” que as pessoas dão àquelas que estão com excesso de peso, sendo um dizer comum, sobretudo, no contexto brasileiro.

A frieza de Almira indica um indício de psicopatia, já que olha indiferentemente para o chão, sem se preocupar com o sangue jorrado pelo pescoço de Alice. Há também referência a sua avó e aos murmúrios de uma amizade “esquisita” entre as duas (Almira e Alice): “Algumas pessoas observadoras disseram que naquela amizade bem que havia dente de coelho. Outras, amigas da família, contaram que a avó de Almira, Dona Altamiranda, foram mulher muito esquisita.” (LISPECTOR, 1999, p. 75). Isso demonstra uma espécie de psicopatia hereditária e de uma amizade com Alice traduzida pela desconfiança, suspeição de que havia um causador oculto de algum fato, segundo o ditado “havia dente de coelho”. Dessa forma, a neurose de angústia de Almira não mais se esconde nas sombras do inconsciente, reprimindo o conteúdo do desprazer, mas sim salta para a realidade, saindo do recalçamento do desejo de ser a outra, no infringir das “leis civilizatórias” que estancam a pulsão.

Por este viés, a surpresa do final do conto se revela no momento em que a “natureza delicada” de Almira se transforma em pulsão de morte a partir do xingamento pejorativo de Alice, a qual sofreu apenas algumas escoriações. Almira, por sua vez, quebra um acordo estabelecido social e culturalmente, agindo como se fosse “magra”,

mas sem ser, e por isso, recebe sua “devida” punição: a prisão. Isso fica exposto nessa passagem: “Almira foi pega em flagrante” (LISPECTOR, 1999, p. 76). Além do mais, ela é comparada com um elefante por Lispector: “Ninguém se lembrou de que os elefantes, de acordo com os estudiosos do assunto, são criaturas extremamente sensíveis, mesmo nas grossas patas.” (LISPECTOR, 1999, p. 76), trazendo mais uma vez a carapaça “pesada” do animal de sensibilidade interior, o que acontece com Almira, de peso excedido e marginalizada, porém com sentimentos recalçados.

Segundo o conhecimento popular, na cultura oriental o elefante representa força, prosperidade, longevidade e sabedoria, ao contrário do Ocidente, onde o animal é símbolo de peso e lentidão, tanto que é comum se referir a uma pessoa com excesso de peso com o termo “elefante”, pejorativamente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990). Nesse caminho, segundo Barbosa (2001), o final mordaz e irônico da história enfatiza a discriminação que incide sobre as pessoas obesas, sendo a prisão e a humilhação de ter que viver nela como “solução” para punir aqueles que não obedecem aos códigos das tecnologias disciplinares. Ela ainda afirma que:

Comparando o tratamento que Alice recebe na penitenciária com o adestramento de elefantes de circos, a história questiona as imposições dos modelos de beleza vigentes e a punição e a rejeição aplicadas àqueles que não se submetem às regras da disciplina do corpo. (BARBOSA, 2001, p. 48 – 49)

Dessa maneira, é possível observar que a “[...] docilidade e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo.” (LISPECTOR, 1999, p. 76) se finda como genuína, mas melancólica, após a experiência de ceder à pulsão de morte em relação à “ex-amiga” Alice. O Id, movido pelo princípio do prazer, ultrapassa as limitações do Superego, causando satisfação do ato realizado ferozmente, o que implica na aquisição de verdadeiras companhias, aquilo que não lhe pertencia fora da cadeia. Os novos “privilégios” são evidenciados como aqueles dados a um elefante preso e obediente no circo: “Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante de circo.” (LISPECTOR, 1999). A relação da melancolia com a alegria pode se referir à cessação da imagem-recordação hostil que Alice lhe causa, já que antes do conflito instaurado, Alice era sua “maior amiga”.

## Considerações finais

Diante do exposto, é válido concluir que o conto “A Solução” é “solucionado” através da prisão de Almira, do seu enquadramento segundo o que lhe foi imposto social e culturalmente. A neurose de angústia vinda do exterior, mas desenvolvida no interior da protagonista, seria uma neurose de estancamento sexual, até pelo próprio masoquismo aplicado ao seu corpo, já que sua energia sexual (libido) é transferida para a ingestão exacerbada de comida. Assim, ela sublima em melancolia da falta do amor psíquico não encontrado fora do ambiente da cadeia, o que a traz uma “alegria melancólica”, apesar de verdadeiramente sentida.

Reforçada pela figura de Alice no conto analisado, é possível afirmar que a sociedade, cruelmente construída para limitar aqueles que fogem à força coercitiva, é uma das influenciadoras para o surgimento de vários tipos de neuroses, sobretudo, num contexto contemporâneo de mundo capitalista. A não aceitação social de pessoas que não correspondem a uma expectativa amplamente adotada, sendo, por isso, marginalizadas (obesos, mulheres, negros, homossexuais, dentre vários outros pivôs) faz com que, algumas vezes, haja um processo problemático de explicitação dessa angústia inerente ao ser humano, tal como foi observado com Almira.

Assim, a neurose de angústia pode ser desvelada através de recalçamento desse conteúdo desejado (de ser aceito pelo outro, tal como Almira se comporta em relação a Alice, que, por sua vez, somente a despreza). Mais que isso, a sua não-aceitação social por ter excesso de peso é reprimida, já que ela camufla situações de desprezo da amiga, superficialmente superando-as. É como se o desejo de ser aceita lutasse contra a mesquinhez de Alice em não querê-la como amiga, que resulta no seu inconsciente minado pelo medo, pela solidão, pela repulsa e pela pulsão de morte. Por esta razão, seu Superego é “derrubado” e seu Id se encarrega de amenizar a neurose de angústia, dando vez à pulsão antes cessada.

Por fim, a presença da neurose de angústia neste conto clariceano foi verificada, contribuindo com sua relevância para a discussão proposta, já que corresponde ao objetivo do artigo, bem como satisfazendo o arrolamento de teorias unidas à abordagem do texto literário em seu aspecto psicanalítico.

## Referências

- BARBOSA, Maria José Somerlate. *Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CERTEAU, Michel. O “romance” psicanalítico. História e literatura. In: *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 91 – 115.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio de prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Coleção “Os Pensadores”*- vol. Freud. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- \_\_\_\_\_. (1950). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1911). Notas psicanalistas de um caso de paranoia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. A Solução. In: *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- RAMOS, Gustavo Adolfo. *Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SANT’ANNA, Afonso Romano de. *A análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SANTOS, Moisés do Vale dos. *Teoria psicanalítica*. Blog. 2012. Disponível em: <<http://teoriapsicanalitica.blogspot.com.br/2012/08/o-conceito-de-sublimacao-em-psicanalise.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- VALLE, Ana Maria Lima do. *A escrita de Clarice Lispector na transmissão do Real*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. 118 p. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://www.pgpsa.uerj.br/dissertacoes/2006/2006-02.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2015.